



1752 - Trabalho Completo - XII ANPEd-SUL (2018)
Eixo Temático 07 - Alfabetização e Letramento

Cultura gráfica escolar: discutindo os tipos de letras cursiva e script presente nos cadernos dos alunos (1937 a 1977)
Alessandra Amaral da Silveira - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Resumo: Neste texto busca-se desenvolver o conceito de cultura gráfica, baseado nos autores Petrucci (1986); Hébrard (2000); Chartier (2002). Logo, o objetivo é operar com esse conceito para pensar o ensino de diferentes tipos de letras no processo de alfabetização na escola gaúcha no período de 1937 a 1977. Sendo assim, para este artigo foram consultados 26 cadernos de alunos que compuseram duas periodizações do estudo o que possibilitou perceber a presença de dois tipos de letras. Em um primeiro momento somente a utilização da letra do tipo cursiva, em segundo o aparecimento da letra script. Devido ao período dos cadernos houve a necessidade apresentar algumas discussões pautadas nos modelos caligráficos (vertical, inclinado e muscular) que tinham como objetivo, entre outros, a produção da “boa letra”, baseada nos princípios da legibilidade, da elegância e da rapidez. Os dados indicam a intervenção de alguém, provavelmente o professor, para atingir umas das máximas dos modelos caligráficos, sendo ela, o traçado perfeito e elegante, pois em vários momentos apareceu o exemplo de um traçado que deveria ser copiado pelo aluno. Também é importante ressaltar que a intervenção do professor acabava sendo mais recorrente com a letra do tipo cursiva.

Cultura gráfica escolar: discutindo os tipos de letras cursiva e script presente nos cadernos dos alunos (1937 a 1977)

Resumo: Neste texto busca-se desenvolver o conceito de cultura gráfica, baseado nos autores Petrucci (1986); Hébrard (2000); Chartier (2002). Logo, o objetivo é operar com esse conceito para pensar o ensino de diferentes tipos de letras no processo de alfabetização na escola gaúcha no período de 1937 a 1977. Sendo assim, para este artigo foram consultados 26 cadernos de alunos que compuseram duas periodizações do estudo o que possibilitou perceber a presença de dois tipos de letras. Em um primeiro momento somente a utilização da letra do tipo cursiva, em segundo o aparecimento da letra script. Devido ao período dos cadernos houve a necessidade apresentar algumas discussões pautadas nos modelos caligráficos (vertical, inclinado e muscular) que tinham como objetivo, entre outros, a produção da “boa letra”, baseada nos princípios da legibilidade, da elegância e da rapidez. Os dados indicam a intervenção de alguém, provavelmente o professor, para atingir umas das máximas dos modelos caligráficos, sendo ela, o traçado perfeito e elegante, pois em vários momentos apareceu o exemplo de um traçado que deveria ser copiado pelo aluno. Também é importante ressaltar que a intervenção do professor acabava sendo mais recorrente com a letra do tipo cursiva.

Palavras – chave: cultura gráfica, caderno de alunos, tipo de letras, modelo caligráficos.

Introdução:

[...] Que a mão sirva de exemplo [...] O pintor, lápis ou pincel na mão, risca, rabisca, alinha, desenha, enquadra, traça, esboça, debucha, mancha, pincela, pontilha, empastela, retoça, remata. O escritor garatuja, rascunha, escreve, reescreve, rasura, emenda, cancela, apaga [...] (BOSI, 1977, p. 57).

Escrever é uma tarefa que exige habilidades específicas, as quais necessitam do controle das mãos, dos braços, dos olhos, enfim, de praticamente todo o corpo, a fim de que o traçado desejado ou estipulado pelos paradigmas vigentes da “boa escrita” seja alcançado. Logo, é possível dizer que desenhar letras, com domínio, acaba sendo uma atividade bastante complexa, ainda mais para mãos não tão treinadas como no caso das crianças que ingressam nos primeiros anos de escolarização. A dificuldade pode aumentar quando, ao invés de um tipo de letra, o aluno acaba tendo que aprender a traçar diferentes formatos como, por exemplo, a cursiva, o bastão, a script/imprensa etc.

Considerando o conceito de cultura gráfica (PETRUCCI, 1986; HÉBRARD, 2000; CHARTIER, 2002), que vem contribuindo historicamente para pensar a permanência e/ou desaparecimento de determinadas práticas vinculadas à escrita em diferentes grupos sociais, tempos e espaços, busco neste texto, operar com esse conceito para pensar o ensino de diferentes tipos de letras no processo de alfabetização na escola gaúcha no período de 1937 a 1977.

Para isso, utilizo os dados coletados em cadernos de alfabetização de um acervo específico denominado “caderno de alunos (alfabetização e outras séries)”, pertencente a um grupo de pesquisa. Atualmente esse acervo de cadernos de alunos salvaguarda aproximadamente 1.879 cadernos, sendo 879 de alfabetização, 904 de outras séries e 96 sem identificação. Destaco, no entanto, que para este texto foram consultados 26 cadernos de alunos, que datam de 1937 a 1977.

A partir da análise desse material procedeu-se a organização dos dados que resultaram em duas em periodizações, as quais são marcadas pela presença de dois tipos de letras: a cursiva e a script (denominação recorrente no estado do Rio Grande do Sul), ou seja, são os tipos de letras registrados nos cadernos que determinam a periodização. No período dos cadernos aqui analisados algumas discussões sobre o ensino da escrita estavam em voga como, por exemplo, os modelos caligráficos, a agilidade na escrita, e busca pela bela letra, etc., o que implica na observação de que diferentes técnicas foram desenvolvidas para alcançar tal objetivo. Diante disso, os cadernos de alunos fornecem subsídios para compreender como vem se constituindo uma cultura gráfica escolar.

O presente texto está organizado em duas seções. Na primeira é desenvolvido o conceito de cultura gráfica com a intenção de mostrar como os autores que embasam esta pesquisa vêm operando com ele em diferentes tempos e espaços. Na segunda seção é realizada a apresentação das duas periodizações identificadas, as discussões que sobre o ensino das letras no período dos cadernos e alguns dados localizados nos cadernos dos alunos que permitem operar com o conceito de cultura gráfica escolar.

Cultura gráfica

O tipo ou os tipos de letras¹ utilizados pelos sujeitos, principalmente no espaço escolar, é um debate histórico, com diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Para que uma ou outra perspectiva relacionada ao ensino e a aprendizagem de um determinado tipo de letra ganhasse legitimidade, disputas sociais e pedagógicas foram travadas.

O conceito de cultura gráfica, desenvolvido neste texto, fundamenta-se principalmente nas ideias de Petrucci (1986), Hébrard (2000) e Chartier (2002), que vinculam seus objetos específicos de estudo ao conceito em questão. Sendo assim, busca-se embasamento nesses estudiosos para operar com o conceito de cultura gráfica escolar e pensar o ensino de diferentes tipos de letras no processo de alfabetização na escola gaúcha no período de 1937 a 1977.

Em seus estudos, Armando Petrucci (1986) discute as práticas de escritas em diferentes suportes e com distintos objetos do período que vai desde a Idade Média até a época contemporânea, principalmente na Itália. O autor expõe a importância de estudar os diferentes testemunhos gráficos e, ao referenciar o espaço escolar, afirma que é possível entender "los mecanismo de la enseñanza elemental de la escritura" (PETRUCCI, 1986, p.27). Alerta, porém, que o pesquisador deve investir em fontes indiretas que ajudem a compreender o momento histórico e pedagógico, em que a escrita escolar foi utilizada. Destaca, ainda, a importância de realizar pesquisas com sujeitos que estão iniciando sua alfabetização, uma vez que:

[...] puede permitimos individualizar, para cada época y ambiente, las escrituras enseñadas en los niveles primários, esdecir, aquellas que em outra ocasión he definido como «elementales de base» que representan tipos gráficos caracterizados por lasimplificación de los trazos, la falta de enlaces y la ausencia de elementos de encuadre, separación y explicitación del texto (PETRUCCI, 1999, p. 27).

Conforme o autor, todos os indivíduos que compõem uma sociedade que valoriza a escrita, independente de estarem ou não alfabetizados, estão imersos na cultura gráfica. Por isso, estudar os suportes de escrita produzidos por sujeitos que ainda não dominam as técnicas, os seus códigos convencionais, possibilita compreender como são estabelecidos os primeiros contatos com o traçado das letras, as atividades consideradas significativas para alguém ainda em fase inicial da escolarização, ou ainda, propicia localizar indícios das concepções de alfabetização que, de certa maneira, podem revelar questões ideológicas e sociais de determinado momento.

Petrucci (1999) ressalta que a concepção de cultura gráfica não está relacionada somente ao contato ou manuseio dos livros ou similares nem com o domínio da leitura e/ou da escrita. Pelo contrário, é algo mais amplo que aborda e contemplam todas essas questões. O autor argumenta essa assertiva da seguinte maneira:

[...] los laicos que escribían (muchos más, enporcentaje, de cuanto se cree habitualmente) poseían una cultura gráfica no libraria, de no lectores, y los eclesiásticos que escribían, al contrario, una cultura gráfica preferentemente libraria y ligada estrechamente, por esomismo, al hábito de la lectura (PETRUCCI, 1999, p. 34).

Embora essas assertivas refiram-se a um período específico da história da humanidade, as mesmas têm pertinência aqui. Como se observa no excerto, o autor ressalta que ambos os grupos de sujeitos – laicos e eclesiásticos - possuíam uma cultura gráfica, no entanto, de maneira distinta, o segundo grupo acaba se apropriando de determinados conhecimentos para manter, de alguma maneira, um domínio ideológico e social sobre o primeiro grupo.

Sobre a aprendizagem de diferentes tipos de letras pelas crianças que chegam à escola e que ingressam no processo de alfabetização, é possível destacar que, mesmo ainda não dominando as práticas, as regras e a ordem escolar, os alunos são imediatamente envolvidos por elas, principalmente através das professoras que visam torná-los sujeitos escolarizados. Dessa maneira, as professoras que já possuem um conhecimento prévio das práticas escolares definem quais são as melhores formas de inserir o aluno na cultura gráfica escolar, propondo o que consideram ser mais importante e significativo na aprendizagem dos alunos que passa pelas ações de como se comportar na sala de aula, como usar o caderno, como segurar o lápis, até a opção pelas atividades consideradas "mais fáceis" para iniciar o ato de escrever e de ler e a escolha do tipo de letra que deve ser traçada pelos alunos. Isso tudo vai demarcando quais práticas, historicamente, são mais valorizadas e aceitas no espaço escolar.

Em seus estudos, Hébrard (2000) apresenta pistas de que modo o conceito de cultura gráfica ajuda a compreender como determinados suportes - no caso os livros, as cadernetas, as agendas, os diários, os cadernos etc. - são produzidos em distintos períodos e colocados em funcionamento por sujeitos específicos que delimitam, entre tantas, as suas funções. Nas palavras do autor, "[...] aqui, ao contrário, convém examinar a maneira pela qual as «culturas gráficas» dos meios profissionais elegem (ou inventam) suportes específicos e estruturam modos de escrituras adaptados as suas funções" (HÉBRARD, 2000, p.42).

Assim, o referido autor discorre sobre os usos de determinados suportes de escrita, por quem foram elaborados, suas finalidades, quem pode ou não escrever e suas modificações ao longo dos tempos. O autor expõe diversos tipos de usos da escrita e para ilustrar, destaco o exemplo do "livro de contabilidade" (HÉBRARD, 2000, p.44), que pode estabelecer três tipos de registros: o memorial, o diário e o livro grande. Cada um com suas peculiaridades, como pode ser observado no trecho a seguir:

O memorial, também chamado de «borrachador», fica a disposição de todos aqueles (família, empregados), que trabalham na oficina. Qualquer pessoa que efetue uma transição ou uma operação comercial deve imediatamente registrá-la ali. O chefe da família (ou o empregador designado para esse trabalho) transcreve no diário as anotações do memorial. Ele o faz segundo as regras da contabilidade, na ordem estrita das operações e na data correspondente. Toda a escrita transcrita é riscada no memorial. Paralelamente, a mesma escritura é retomada no livro grande, mas agora seguindo a regra deste, de modo a permitir uma clara visualização de todas as operações contábeis da empresa (HÉBRARD, 2000, p. 44).

No exemplo apresentado acima é possível perceber alguns aspectos como, por exemplo, para qual grupo social o suporte de escrita foi produzido - pessoas que administram seus próprios negócios -, pois se trata de um suporte de caráter mais profissional, que possui regras, normas preestabelecidas, que há uma classificação e hierarquização entre os suportes, uma vez que um deles acaba sendo de uso quase exclusivo do chefe dos negócios e pressupõe ser o mais importante para os escreventes. Por fim, é possível observar, ainda, que há a definição de sujeitos específicos para desempenharem a escrita em cada um dos tipos de suportes.

Hébrard (2000) mostra a complexa rede que se constitui na produção e usos dos suportes de escrita, tanto pessoal quanto profissional, bem como que os mesmos vão se modificando ao longo dos tempos. Expõe, também, que com a análise do uso desses objetos é possível compreender desde o funcionamento mercantil, dos negociantes, do espaço escolar até os fatos e acontecimentos mais pessoais através das escrituras ordinárias de pessoas consideradas comuns que se dedicam à escrita, podendo com isso:

[...] permitir que se esclareça a evolução dessa sensibilidade em relação à continuidade do tempo que passa e a permanência do eu, na medida em que essas superfícies escritas constituem, em sua diversidade, as várias «soluções» para os problemas trazidos pela descontinuidade do ato de escrever (HÉBRARD, 2000, p.31).

O autor aborda, também, a escritura escolar e o seu principal suporte o código, *cayer*, caderno etc., suas mudanças, principalmente da materialidade, afirmando que o mesmo tornou-se um dos objetos mais recorrentes na vida cotidiana dos sujeitos escolares. A escrita escolar é tão valorizada pelas sociedades que vem se mantendo e se consagrando ao longo dos tempos, pois, segundo o autor, "o que é verdade no século XVI nos colégios, é também verdade para o século XIX nas escolas primárias" (Ibidem, p.56). E, assim, a escola visa construir gestos e posturas na aprendizagem da escrita e sobre os usos e funções dos cadernos, definindo e mantendo normas e regras de organização escritural que todo o estudante deve seguir, mesmo quando já não está mais no espaço escolar. Sendo assim, o conceito de cultura gráfica acaba:

Atribuindo a cada sociedade o conjunto dos objetos escritos e das práticas que os produzem ou empregam, essa categoria convida a compreender as diferenças existentes entre as diversas formas de escrita, contemporâneas umas das outras, e a inventariar a pluralidade de usos dos quais se encontra investida (CHARTIER, 2007, p.10).

Nesta seção buscou-se desenvolver o conceito de cultura gráfica, pois a partir dos autores citados, foi possível pensar que diferentes estratégias são estabelecidas para que um determinado tipo de letra se imponha e se mantenha como ideal no ensino das crianças quando as mesmas ingressam na escola. Diante disso, os cadernos de alunos nos fornecem subsídios para compreender como vem se constituindo uma cultura gráfica escolar, pois em seus registros estão presentes diferentes concepções do que se considera mais significativo para a aprendizagem da escrita no espaço escolar.

A seguir apresento duas periodizações (1937 a 1977) construídas a partir dos dados coletados dos cadernos dos alunos. Logo, as discussões que estavam presentes na época dos modelos caligráficos e a busca pela bela escrita. E por fim, algumas imagens retiradas dos cadernos que ajudam a compreender o investimento para o desenvolvimento do melhor traçado.

As periodizações: as discussões vigentes e a busca pelo traçado ideal.

O olhar voltado para trás tem outra função: ajudar a compreender quais são os significados e os efeitos das rupturas que implicam os usos, ainda minoritários e desiguais, mas a cada dia mais vencedores, das novas modalidades de composição, de difusão e de apropriação do escrito. (CHARTIER, 2002, p.9).

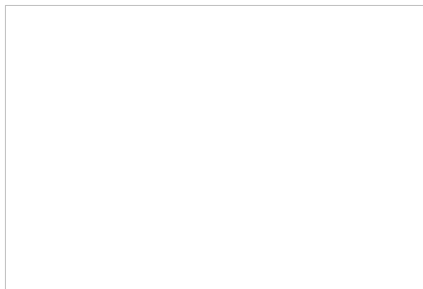
Conforme o autor citado, a história não tem a finalidade de reconstruir o passado, no entanto, o historiador tem uma tripla tarefa: "[...] convocar o passado, que já não está num discurso presente; mostrar as competências do historiador, dono das fontes; e convencer o leitor" (CHARTIER, 2009, p.15).

Pesquisar nos cadernos de alunos com o intuito de adentrar "[...] na caixa preta escolar, apanhando-lhe os dispositivos de organização e o cotidiano de suas práticas" (CARVALHO, 1998, p.32), isto é, adentrar na instituição escolar a partir de seus materiais considerados "banais" é importante, uma vez que "os cadernos escolares podem nos ajudar a entender o funcionamento da escola de uma maneira diferente da vinculada pelos textos oficiais ou pelos discursos pedagógicos" (CHARTIER, A.M., 2007, p.14).

Assim, vale destacar que ao analisar os cadernos em questão, foi possível notar a variação e a permanência de diferentes tipos de letras registradas. Esse dado foi balizador para a construção das duas periodizações aqui apresentadas, pois possibilitou pensar que em diferentes períodos, distintas concepções, estratégias e suportes foram utilizados e fizeram permanecer um determinado tipo de letra.

A seguir, no quadro 01, mostro as duas periodizações, a quantidade de caderno e qual tipo de letra predominou em cada período.

Quadro 01: Organização dos dados coletados a partir dos tipos de letras localizados nos cadernos de alunos.



Fonte: Quadro organizado pela autora.

Propor compreender a cultura gráfica escolar é, também, a possibilidade de problematizar os diferentes discursos que sustentavam os debates acerca da aprendizagem dos tipos de letras. Considerando que no período inicial do acervo de cadernos de alunos, 1937, estava em voga a discussão sobre os modelos caligráficos, há a necessidade de discorrer sobre eles.

Assim, cabe destacar que havia diferenças entre os modelos caligráficos. Segundo Vidal & Esteves (2003), eles dividiam-se entre os modelos inclinado, vertical e muscular³. Estudar esse momento histórico, sob o viés do conceito da cultura gráfica, pressupõe compreender que os tempos e espaços colocaram em funcionamento diversos saberes sobre o que se considerava mais adequado no ensino e na aprendizagem dos escolares, mais especificamente, no uso de diferentes tipos de letras nas salas de aula. Dessa maneira, ressalta-se a preocupação que havia na sociedade a respeito de como o aluno deveria aprender a escrita quando ingressasse na escola.

Nesse contexto, havia uma grande preocupação com o corpo dos alunos e os estudiosos da época desenvolveram vários saberes e técnicas com a intenção de evitar problemas para a saúde das crianças que ingressavam nas escolas. Diante disso, o ensino e a aprendizagem da escrita tornaram-se alvo de amplos debates de especialistas, uma vez que foi considerado que a falta de cuidado com o ato de escrever poderia causar doenças aos estudantes, como má postura, escoliose e miopia, prejudicando sua saúde e seu desempenho escolar⁴.

De acordo com os estudos de Faria Filho (1998), Vidal e Gvirtz (1998), Vidal e Esteves (2003), Peres (2003), Fetter, Lima e Lima (2010), Fetter (2011), entre outros, por um longo período, mais especificamente até por volta da década de 1970, o ensino das letras, nas classes iniciais de escolarização, pautou-se no emprego de técnicas bastante específicas que iriam desde a maneira de sentar corretamente até a forma de segurar o lápis de uma determinada maneira, considerada a mais adequada. Para isso, era necessário investir na formação dos professores, na corporeidade do aluno especialmente com técnicas e também em mobiliários adequados para a boa postura na sala de aula e, com isso, evitar os possíveis danos à saúde gerados pelo ato de escrever. Sobre esse aspecto, Magalhães (2005) expõe que houve uma oficialização da arte de escrever que precisava de diferentes investimentos tanto no professor, no aluno como nos instrumentos de apoio e de uso para a escrita.

Independente do modelo caligráfico, era bastante recorrente o uso de argumentos de ordem higienista, que defendiam ser o mais adequado para preservar a saúde dos estudantes e, por isso, deveriam ser implementados pela professora na sala de aula. No entanto, apenas a caligrafia muscular estava pautada em base teórica produzida a partir dos estudos científicos de Ormindia Marques⁵ (VIDAL & GVIRTZ, 1998). Entretanto, todos tinham uma base comum, isto é, defendiam a letra legível, rápida e elegante, a estética da letra era uma justificativa plausível à época.

Para compreender os modelos caligráficos foi necessário consultar materiais didáticos da época. Sendo assim, pesquisei, principalmente, os manuais pedagógicos⁶, a partir das ilustrações e figuras presentes neles foi possível pensar que todos os modelos caligráficos estavam relacionados a um único tipo de letra, a cursiva.

No entanto, o contato com as pesquisas de diferentes autores mostra que não era exclusivo o uso da letra cursiva. As autoras Vidal e Gvirtz (1998) deixam claro que o modelo inclinado aceita a indicação de dois tipos de letra: a inglesa⁷ e a *spenceriana*⁸. Em outro estudo, Magalhães (2005) explica que a escrita inglesa faz referência ao tipo cursiva, mas que a mesma aceita variações, principalmente, as que se aproximam do impresso (script). Logo, os exemplos expostos acabam enfatizando o tipo de letra cursiva. Isso poderia estar relacionado com uma das máximas desejadas no ato de escrever, ou seja, a velocidade no desenvolvimento do traçado que, conforme Ormindia Marques (1935) poderia ser atingida pela escrita cursiva que é mais rápida, pois o aluno não precisa ficar tirando o lápis do papel. Segundo Braga (2008), a professora teve a intenção de

(...) racionalizar a escrita através do disciplinamento do corpo e da conformação em relação à execução das técnicas, cuja intenção era fabricar um corpo escolarizado, capaz de se apropriar das transformações sociais e seguir em direção ao progresso (BRAGA, 2008, p. 119/120).

Neste sentido, o ensino da escrita proposto por Ormindia iria além do ato de desenhar letras e passava a ser uma técnica importante capaz de produzir alunos que se enquadrassem no projeto social da época. Alunos disciplinados que valorizavam o belo traçado e a agilidade da escrita, sendo assim, a educadora procurou contribuir para a “produção de um corpo em conformidade com ideário moderno preocupado em lidar com os desafios impostos pelo século XX” (BRAGA, 2008, p. 125).

Os cadernos que compõe as duas periodizações estavam em volta com as discussões relacionadas aos modelos caligráficos. Neles foi possível perceber a recorrência da letra do tipo cursiva, mas também a significativa presença, a partir da década de 1950, da letra do tipo script. No entanto, independente do tipo de letra, nota-se a preocupação em realizar o traçado corretamente e, para isso, algumas estratégias são utilizadas.

A figura 1, exposta logo a seguir apresenta o registro de dois cadernos diferentes⁹ com a intenção de mostrar o investimento de um sujeito (provavelmente o professor), para demonstrar ao aluno o traçado considerado ideal e que deveria ser reproduzido pelo mesmo. Ambas as situações focam, exclusivamente, o ensino da letra do tipo cursiva.

□

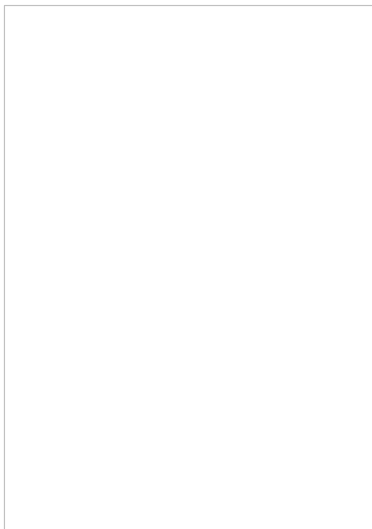


Figura 01 - Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C1 1943 à esquerda). Páginas de caderno de 1ª série de aluna (C1 1952 à direita).
Fonte - Acervo do grupo de pesquisa.

O destaque na imagem em vermelho, à direita, mostra o traçado da letra feito, como mencionado, provavelmente pelo professor. Do mesmo modo ocorre posteriormente a atividade de cópia ou escrita espontânea de palavras, em que as primeiras letras são desenhadas pelo professor para que o aluno novamente treinasse o traçado de sua letra, uma vez que durante a cópia das palavras é possível observar que o traçado de sua letra ainda não segue o modelo exposto pelo professor.

É possível inferir também a partir das figuras apresentadas que, provavelmente, os primeiros contatos das crianças com o traçado das letras, neste caso, especialmente a cursiva, eram realizados por meio do treino, de atividades de encher a linha, entre outras. Sobre isso, Theobaldo Miranda Santos (1957, p. 159), autor do manual pedagógico Metodologia do Ensino Primário, destaca que:

Em todo exercício escrito a criança deve ser levada a **comparar o trabalho com o modelo feito no quadro negro pelo professor** ou com as tiras, já organizadas para a lição de leitura, cuja letra deverá sempre ser **a melhor possível, tanto na forma como na disposição**. Essa comparação, entretanto, não se fará assinalando com severidade os erros ou defeitos da escrita do aluno, mas procurando despertar em seu espírito o desejo de atingir aquele **grau de perfeição**. (grifos meu).

Sendo assim, seguir um modelo, encher linha, copiar várias vezes a mesma letra, sílaba ou palavra era uma recomendação da época e poderia servir para duas tarefas. Em primeiro, para memorizar o que estava sendo exigido na atividade; em segundo, para ajudar na destreza em desenvolver o traçado das letras, ou seja, auxiliavam no treino da mão, dos dedos e do corpo do aluno que estava ingressando no processo de escolarização. Como salientam as autoras:

Uma boa letra implica praticar disciplinadamente, através de muito treino da mão e domínio de um tipo instrumental específico, uma sucessão de gestos que faz o professor e que imitam os alunos, que aprendem pelo esforço, pela repetição, pela regularidade e pelo equilíbrio (BASTOS & STEPHANOÛ, 2008, p. 118).

Ter uma boa letra é uma tarefa que implica muita dedicação tanto por parte do aluno quanto do professor, pois é o seu traçado que irá servir

de modelo a ser seguido. Devido a isso é possível observar em alguns cadernos que compõem esta periodização a intervenção do professor,

A figura 02 é apresentada para demonstrar que também havia essa necessidade quando se tratava da letra do tipo script. Interessante destacar que em praticamente todas as aulas, registradas no caderno, há esta atividade, a escrita do nome da aluna e a repetição.

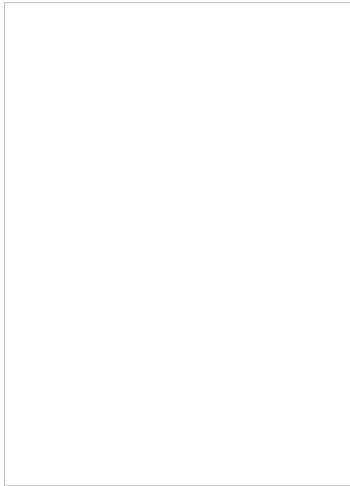


Figura 02 - Páginas de caderno de 1ª série de aluno (C1 1977).
Fonte - Acervo do grupo de pesquisa.

Observa-se, portanto, que da mesma maneira que a letra cursiva, o traçado da letra script era ensinado através de atividades de cópia e de encher a linha. Práticas, provavelmente, articuladas à concepção de como se ensinava a escrita e o traçado das letras à época. É interessante destacar, nesse sentido, que quanto mais o treino fosse realizado maior seria a habilidade do aluno para, posteriormente, apresentar uma letra legível e uma escrita rápida.

Pode-se enfatizar ainda, o uso do suporte caderno como espaço privilegiado para o ensino do traçado das letras, uma vez que se observa a partir das imagens, por exemplo, que a altura das linhas dos cadernos servia como padrão para o tamanho da letra a ser realizada.

As figuras apresentadas anteriormente, retiradas dos cadernos de alunos que compõem o acervo do grupo de pesquisa, ilustram a intenção que havia com a preocupação na realização do traçado das letras. No entanto, no conjunto de cadernos essa necessidade de repetir um modelo de traçado acaba aparecendo com mais frequência no ensino da letra cursiva.

É importante mencionar que problematizar os cadernos dos alunos com a intenção de compreender a cultura gráfica escolar que foi se estabelecendo no período apresentado neste texto permite destacar o ensino e a aprendizagem do traçado de diferentes letras, mas também pressupõe a apropriação de normas e competências estipuladas por diferentes paradigmas pedagógicos que estabelecem, hierarquizam e classificam quais saberes devem prevalecer e ser legitimados.

Conforme Chartier (2002, p.83), “a reconstituição da cultura gráfica pode ser micro-histórica e apreender, para um período mais limitado e a um só lugar, a totalidade das produções e das práticas da escrita”. No caso deste estudo, os cadernos escolares de distintas localidades do estado do Rio Grande do Sul, o ensino e aprendizagem de diferentes tipos de letras e as discussões presentes no investimento dos modelos caligráficos e o desejo de se atingir um belo traçado.

Considerações Finais:

De acordo com Rocha (2013), a escola é o lugar da escrita, principalmente a manuscrita. Todos os sujeitos que passam por ela, alguns mais, outros menos, desenvolvem, teoricamente, a habilidade de escrever à mão. No entanto, neste texto buscou-se tratar para além do ato de escrever, mas também os tipos de letras que devem ser ensinados aos alunos - o que, suponho, estar articulado com diferentes interesses de ordem pedagógica, política etc. - ou seja, as definições em relação à cultura gráfica escolar estão imbricadas, por exemplo, às relações de hierarquia e de poder social.

Sendo assim, os cadernos que foram apresentados neste texto possibilitaram perceber a existência de dois tipos de letras no ensino inicial de escolarização dos alunos. Além disso, ajudaram a ilustrar o investimento existente para que os alunos atingissem o traçado das letras considerado ideal. As figuras apresentadas mostram a intervenção do professor para que o aluno copiasse e treinasse o traçado das letras. Sem dúvida, essas práticas estavam articuladas a discursos da época que não só orientavam sobre a melhor maneira de ensinar as letras, mas também, sobre concepções de como deveria ocorrer este processo, ou seja, quais atividades deveriam ser realizadas para aprender o traçado das letras, que intervenções poderiam ser realizadas pelo professor para que a criança escrevesse de forma legível e rápida.

Referências:

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia* São Paulo, editora: Cultrix, 1977.

BASTOS, Maria Helena Camara. Uma biografia dos manuais de história da educação adotados no Brasil (1860-1950). In: *VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação*, Uberlândia. Percursos e Desafios da pesquisa e do ensino em História da Educação. Uberlândia: Editora da UFU, 2006.

BASTOS, Maria Helena Camara; STEPHANOU, Maria;. Traçar letras, palavras e números: caligrafar gestos da escrita e da vida. In: MIGNOT, Maria Chrystina Venâncio (Org.). Catálogo da Exposição “*Não me esqueça num canto qualquer*”, 2008.

BRAGA, Rosa Maria Souza. “A boa letra tem grande importância”: Ormindia Marques e as prescrições da escrita. In: MIGNOT, Ana Chrystina Mignot (Org.). *Cadernos à vista*. Escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro: Ed. EdUERJ, 2008.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 1999.

CAMINI, Patrícia. *Das ortopedias (cali)gráficas: um estudo sobre modos de disciplinamento e normalização da escrita*. Dissertação (Mestrado

em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, 2010.

CARVALHO, Marta. Por uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos. In: Sousa, C. P. ; CATANI, D (Org.) *Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Escrituras, 1998.

CHARRIER, Roger. *Os Desafios da Escrita*. Tradução de Fulvia M.L. Moretto. São Paulo: editora Unesp, 2002.

_____. *Inscriver e Apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII)*. Tradução de Luzmara Curcino Ferreira. São Paulo: UNESP, 2007.

_____. *A história ou a leitura do tempo*. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHARTIER, Anne-Marie. Exercícios escritos e cadernos de alunos: reflexões sobre práticas de longa duração. In: CHARTIER, Anne Marie. *Práticas de leitura e escrita*. História e atualidade. Belo Horizonte: Autêntica. CEALE. Coleção Linguagem e educação, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Cultura e Prática Escolares: escrita, aluno e corporeidade*. In: Caderno de Pesquisa, n.103, março de 1998.

FETTER, Sandro; LIMA, Edna Lucia; LIMA, Guilherme Silva da Cunha. O Ensino da

Escrita Manual no Brasil: Dos Modelos Caligráficos à Escrita Pessoal no Século XXI In: *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, v. IV, p. 1-31, 2010.

FETTER, Sandro. *Modelos caligráficos na Escola Brasileira: uma história do Renascimento aos nossos dias*. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Escola Superior de Desenho Industrial, 2011.

HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: a escritura pessoal e seus suportes. In: Mignot, A. C.V; Bastos, M.H.C. , Cunha, M.T.S. (Org.). *Refúgios do eu educação, história, escritas autobiográficas* Florianópolis: Mulheres, 2000.

MAGALHÃES, Justino. *Escrita escolar e oficialização da escola Portuguesa*. Comunicação apresentada no Congresso: Cultura Escrita / VIII Congresso Internacional História de la Cultura Escrita. Universidad de Alcalá, 5 a 8 de julio de 2005. Sección 3ª: Escrituras cotidianas em contextos educativos. 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário. *Os sentidos da alfabetização*. São Paulo/ 1876-1994.

São Paulo. Editora: UNESP, 2000.

MARQUES, Orminda. A escrita na escola primária. São Paulo. Editora: Melhoramentos, 2ª Ed. 1950.

PERES, Eliane. O ensino da linguagem na escola pública primária gaúcha no período da renovação pedagógica (1930 - 1950). In: PERES; Eliane; TAMBARA, Elomar. (org.). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)* Pelotas/RS: Seiva, 2003.

PETRUCCHI, Armando. *La scrittura, Ideologia e rappresentazione*. Turin: Einaudi, 1986.

_____. *Alfabetismo, escritura, sociedad*. Barcelona: editora Gedisa, 1999.

ROCHA, Helenice. A escrita da História nos cadernos escolares. In: GOULART, Maria Cecília; WILSON, Victoria. *Aprender a escrita, aprender com a escrita*. São Paulo. Editora Summus, 2013.

SANTOS, Theobaldo Miranda. Metodologia do Ensino Primário. São Paulo. Editora Nacional, 6ª edição, 1957.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. Da sensibilidade das mãos à

harmonia da escrita: Memórias, artefatos e gestos da caligrafia na história da educação. In: TRINCHÃO, Gláucia Maria da Costa (Org.). *Do desenho das belas letras à livre expressão do desenho da escrita*. Salvad: EDUFBA, 2012.

VIDAL, Diana; GVIRTZ, Silvina. O ensino da caligrafia e a conformação da modernidade escolar: Brasil e Argentina, 1880-1940. In: *Revista Brasileira de Educação*, n.8, mai/jun/jul/ago. 1998.

VIDAL, Diana. G.; ESTEVES, I.L. Modelos caligráficos concorrentes: as prescrições para a escrita na escola primária paulista (1910-1940). In: PERES, E., TAMBARA, E. (org). *Livros escolares e ensino da leitura e da escrita no Brasil (séculos XIX - XX)* Pelotas/RS: Seiva, 2003.

¹Após estudar diferentes autores (VIDAL & GVIRTZ, 1998; CAGLIARI, 1999; MORTATTI, 2000; PERES, 2003; VIDAL & ESTEVES, 2003; BASTOS & STEPHANOU, 2008; CAMINI, 2010; FETTER, 2011) sobre a denominação para referir as diferenças das/nas letras foi notável que não há concordância em relação a isso. Os mais variados vocábulos são utilizados, sendo os seguintes: letra, tipo de letra, modelo, caligrafia, forma, escrita, caracteres, fonte, traçado, grafia, estilo, modelo de escrita, modelo caligráfico etc. Diante dessa pluralidade de definições, até o momento, optei em denominar "tipo de letras".

²Cabe destacar que o tipo de letra em negrito abaixo da periodização é a preponderante no conjunto de cadernos analisados no período.

³Definia que tal modelo consistia na "caligrafia baseada nos movimentos ritmados do antebraço; letra inclinada e sem talhe" deixando a mão mais livre para a escrita (MARQUES, 1950, p. 11).

⁴Faria Filho (1998) destaca que tal preocupação com a saúde dos alunos associada aos modelos de letra manual teria iniciado na França por volta de 1881, com a publicação de um texto de George Sand que discorria sobre o aumento da miopia entre escolares.

⁵Educadora responsável por um trabalho de experimentação sobre o ensino da escrita na escola primária do Instituto de Educação do Distrito Federal (RJ) nos anos de 1930-1960, sob a orientação do professor Lourenço Filho diretor do Ensino Normal desta mesma instituição.

⁶Considerados instrumento produtores de saberes e de disseminação de conhecimentos pedagógicos. Compreende-se que os manuais de profissionalização destinados a professores em formação inicial ou continuada "visam fundar práticas profissionais em conformidade com um modelo de forma prescritiva e útil" (BASTOS, 2006, p. 01).

⁷Lucas Materot (1560 – 1628), nascido na Borgonha/Itália foi um dos principais precursores da letra inglesa. Uma característica desse modelo de Materot é que elimina o padrão das "gotas negras" nos ascendentes das hastes (traçado vertical da letra) (FETTER, 2011).

⁸Platt Rogers Spencer (1800–1864) foi um influente mestre calígrafo do período Vitoriano, devido a isso a escrita manual norte-americana deste momento foi chamada de Spenceriana. Uma característica desse tipo de escrita é que a altura das letras é definida pelo "i" minúsculo e o espaçamento entre as letras deve seguir a distância entre os traços retos do "u" minúsculo (FETTER, 2011).

[9](#)O caderno a esquerda pertenceu a um aluno do município de Capão do Leão/RS e o caderno a direita a uma aluna do município do Rio Grande/RS.

[10](#)É a maneira que o grupo de pesquisa utiliza para identificar o caderno tanto no acervo físico quanto no espaço virtual.

[11](#)Este caderno pertenceu a uma aluna do município de Bagé/RS.